

MALDIVAS · NOVEMBRO DE 2026

Um país de corais

Guia dos atóis centrais das Maldivas: como nasce um atol, por que a corrente é a atração e o que mora do outro lado do canal

Dive For Fun

Gabriel Vieira Costa

DIVE FOR FUN APRESENTA

Um país de corais

Geologia, monção, vida marinha e mergulho nos atóis centrais das Maldivas

SEGUNDA EDIÇÃO

EXPEDIÇÃO MALDIVAS 2026

SÃO PAULO · BRASIL

Um país de corais
Guia dos atóis centrais das Maldivas. Primeira edição, agosto de 2026. Segunda edição, revista e ampliada, outubro de 2026.

Publicação de cortesia da **Dive For Fun** para os participantes da Expedição Maldivas 2026, sem valor comercial. Distribuição gratuita.

Pesquisa, texto e projeto gráfico: Dive For Fun e Gabriel Vieira Costa.

Fotografia: todas as fotos submarinas e de superfície deste livro são de **Gabriel Vieira Costa**, feitas nas Maldivas em **novembro de 2024**, na mesma região e no mesmo mês desta expedição. Não há banco de imagens neste livro: o que está aqui é o que se vê ali, naquela época do ano, com aquela luz.

Sobre as fontes. Todo número, data e nome científico veio de fonte publicada e verificável: literatura oceanográfica e biológica revisada por pares, dados oficiais do governo das Maldivas, a Lista Vermelha da IUCN, o Manta Trust e material técnico de quem opera nos atóis. A lista completa está no apêndice de Fontes. Onde as fontes divergem, o livro diz que divergem.

Sobre os pontos de mergulho. A rota dos atóis centrais não é fixa. A operadora define a sequência a cada semana em função de monção, corrente, maré e tráfego de barcos. Os pontos descritos aqui são os que aparecem com mais frequência nessa rota, não uma promessa.

Centro de Mergulho Aquadive by Dive For Fun Ltda.
CNPJ 38.352.485/0001-55

Av. Pedroso de Morais 487, Pinheiros, São Paulo/SP
diveforfun.com.br

“Nós não vamos morrer em silêncio.”

MOHAMED NASHEED, PRESIDENTE DAS MALDIVAS, NO FÓRUM DOS PAÍSES VULNERÁVEIS AO CLIMA, MALÉ, NOVEMBRO DE 2009

EXPEDIÇÃO MALDIVAS · 14 A 21 DE NOVEMBRO DE 2026

Para quem vai na hora certa

As Maldivas não são um lugar, são uma janela. Novembro fecha a monção de sudoeste, a água limpa e as mantas ainda estão lá. Este livro é para as doze pessoas que entenderam isso e compraram a passagem.

- Alberto Afonso Monteiro
- Aline Serpeloni
- Amanda Simões Fernandes
- Eduarda Baccarin Ferrari
- Gabriel Vieira Costa
- Glória Lima Portella
- Melissa Jane Kia
- Piyali Chaudhury
- Priscila Arão
- Ronaldo Golcman
- Silvia Rachel de Andrade Cabral
- Thaís Togni

*E à tripulação do **BlueForce 3** e aos guias que leem a corrente antes de você entrar na água.*

ESTE EXEMPLAR É DE

ANTES DE COMEÇAR

Uma carta para quem vai

Há um número sobre as Maldivas que vale ter na cabeça antes de qualquer outro: **o país tem 298 quilômetros quadrados de terra firme espalhados por 90 mil quilômetros quadrados de oceano**. Menos de meio por cento daquilo é chão. O resto é água.

Isso não é curiosidade de almanaque. É a explicação de tudo. De por que a cultura é marítima, de por que a moeda foi um búzio, de por que o país inteiro está a um metro e meio do nível do mar, e de por que o mergulho ali funciona de um jeito que não funciona em nenhum outro lugar.

A parte que quase ninguém explica antes da viagem é essa última. Nas Maldivas você não mergulha em recife: você mergulha em **canal**. Cada atol é um anel de coral com passagens que ligam a laguna interna ao oceano aberto, e duas vezes por dia a maré empurra um volume absurdo de água por essas passagens. Onde a água acelera, o plâncton se concentra. Onde o plâncton se concentra, aparecem os peixes pequenos, depois os cardumes, depois os tubarões e as mantas.

Corrente, ali, não é obstáculo. Corrente é o motivo.

Entender isso muda a viagem inteira. Você para de brigar com a água e passa a se posicionar nela. Você entende por que o guia insiste em descer rápido e do lado certo do canal, por que o gancho de corrente é equipamento e não luxo, e por que o melhor mergulho da semana provavelmente vai ser aquele em que você passou vinte minutos agarrado numa pedra sem sair do lugar.

Este livro cobre isso e o resto: como um vulcão afundado vira um anel de coral, o que as monções fazem com a água, quem é a manta que passa a três metros de você e por que ela tem nome e ficha, o que aconteceu com o recife em 1998, em 2016 e em 2024, e o que exatamente mudou no santuário de tubarões das Maldivas em 2025.

Todas as fotos aqui dentro são do acervo do Gabriel, feitas nos mesmos atóis, em novembro. Não tem banco de imagem. O que está impresso é o que está lá.

Boa viagem, e bons mergulhos.

Equipe Dive For Fun

Sumário

MIL CENTO E NOVENTA E DUAS ILHAS

1 Onde vocês vão estar 12

2 Como nasce um atol 15

3 O vocabulário do recife 18

4 Uma nação a um metro e meio do mar 20

BÚZIOS, SULTÕES E RESORTS

5 A moeda que era um molusco 24

6 1153 e os quinhentos anos seguintes 26

O MOTOR: MONÇÃO E MARÉ

7 As duas monções 30

8 O kandu: por que a corrente é a atração 32

9 Novembro: como vai estar o mar 34

QUEM MORA ALI

10 O panorama 37

11 A manta-de-recife 38

12 Tubarões 43

13 Raias, tartarugas e o recife 47

14 O que não se toca 51

MERGULHAR OS ATÓIS CENTRAIS

15 O barco e a rotina 54

16 Malé Norte e Malé Sul 56

17 Felidhoo e Ari 60

18 Técnica de corrente 64
19 Equipamento e segurança 66

O QUE ESTÁ EM JOGO

20 O recife que já morreu três vezes 70
21 O santuário de tubarões e a brecha de 2025 73
22 Mantas, pesquisa e o que você pode fazer 75

O PRÁTICO

23 Documentos, saúde, dinheiro e taxas 78
24 Conduta num país muçulmano 82
25 Fotografar as Maldivas 84

CADERNO DE IMAGENS

26 Caderno de imagens 88

APÊNDICES

Apêndice A · Como a viagem se organiza 102
Apêndice B · Lista de espécies 105
Apêndice C · Glossário 107
Apêndice D · Fontes 110
Apêndice E · Créditos de imagem 112



PARTE UM

Mil cento e noventa e duas ilhas

Um país inteiro construído por animais microscópicos em cima de vulcões afundados, com menos de meio por cento de terra firme

CAPÍTULO UM

Onde vocês vão estar

> *O país mais disperso do mundo, e um dos menores. Vocês vão ver quatro atóis de vinte e seis.*

As Maldivas são **1.192 ilhas de coral** organizadas em uma cadeia dupla de **26 atóis naturais**, no Oceano Índico, a cerca de 750 quilômetros do continente asiático, a sudoeste da Índia e do Sri Lanka.

A cadeia se estende por **871 quilômetros de norte a sul** e 130 de leste a oeste, cruzando a linha do Equador, e ocupa aproximadamente **90.000 km² de superfície**. Desses 90 mil, apenas **298 km² são terra firme**. É menos de um terço de um por cento. Todo o resto é oceano e recife.

1.192	26	298 km²	1,5 m
ILHAS	ATÓIS NATURAIS	DE TERRA FIRME	ALTITUDE MÉDIA

É o menor país da Ásia e, pela altitude, o mais baixo do planeta: a elevação média do solo é de cerca de **1,5 metro** acima do nível do mar, e o ponto natural mais alto tem entre 2,4 e 5,1 metros, dependendo da fonte. Nenhuma ilha do país passa de oito quilômetros de comprimento, e a maioria tem entre um e dois quilômetros quadrados.

A zona econômica exclusiva, por outro lado, tem **923 mil km²**. Um país do tamanho de uma cidade governa um pedaço de oceano maior que o estado do Pará.

Os quatro atóis desta rota

A rota central do BlueForce 3 percorre quatro atóis, todos a poucas horas de navegação de Malé:

- **Malé Norte (Kaafu).** O atol do aeroporto e da capital. Tem os pontos mais visitados do país e algumas estações de limpeza de manta muito consistentes.
- **Malé Sul (Kaafu).** Logo abaixo, separado por um canal fundo. Canais expostos e *thilas* com corrente forte e tubarão de recife.
- **Felidhoo (Vaavu).** O menos povoado dos quatro e o mais selvagem. Canais compridos com muita vida grande, e o mergulho noturno com tubarões-enfermeira em Alimatha.
- **Ari (Alifu).** O maior e o mais rico dos quatro. *Thilas* clássicos, estações de manta e, no sul, a área de ocorrência regular de tubarão-baleia.



Recifes e ilhas a partir de dados do Natural Earth (domínio público). Não é carta náutica.

Os quatro atóis da rota central. Malé Norte e Malé Sul em cima, Felidhoo ao sul, Ari a oeste. A linha dourada é o sentido usual da semana, que muda conforme a monção. Mapa: Dive For Fun, sobre recifes e ilhas do Natural Earth.

CAPÍTULO DOIS

Como nasce um atol

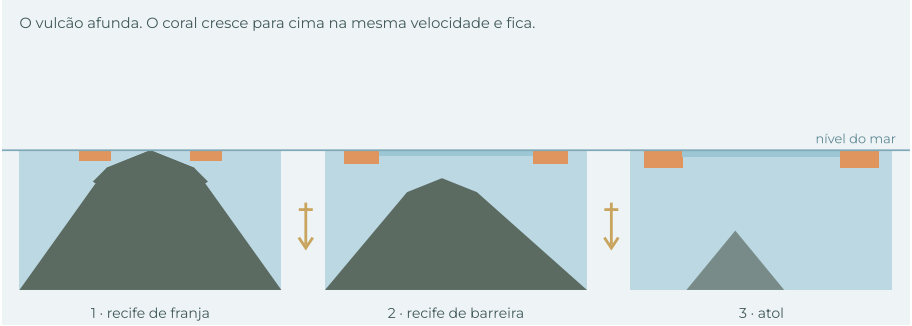
> *Charles Darwin resolveu isso em 1842, antes de qualquer um conseguir furar um atol para conferir. Levou um século até provarem que ele estava certo.*

A pergunta parece simples e não é: por que um recife de coral tem forma de anel, com uma laguna rasa no meio e o oceano profundo em volta? Coral precisa de luz, e portanto de água rasa. Se ele só cresce no raso, o que ele está fazendo em cima de milhares de metros de oceano?

A resposta de Darwin

Em *The Structure and Distribution of Coral Reefs*, de **1842**, Darwin propôs o **modelo de subsidência**, e a lógica é elegante:

1. Um vulcão emerge do fundo do oceano e forma uma ilha.
2. Coral cresce na franja dessa ilha, formando um **recife de franja** colado na costa.
3. A ilha vulcânica, pesada, começa a afundar lentamente, e a crosta abaixo dela esfria e cede. Mas o coral continua crescendo **para cima**, na velocidade em que a ilha desce, porque precisa da luz. Entre o coral e a ilha, que encolhe, abre-se uma laguna: virou **recife de barreira**.
4. A ilha vulcânica afunda de vez e some sob a água. O anel de coral continua lá, crescendo. Restou um **atol**: um anel vivo em cima de uma montanha morta.



Esquema do modelo de subsidência proposto por Charles Darwin em 1842.

Os três estágios de Darwin. O coral (laranja) acompanha o afundamento do vulcão, e o que sobra na superfície é um anel em volta de uma laguna. Ilustração: Dive For Fun.

A confirmação

Darwin não tinha como furar um atol. A hipótese ficou em discussão por cerca de cem anos, até que perfurações profundas em atóis do Pacífico encontraram, sob centenas de metros de calcário de coral, exatamente o que ele previu: **rocha vulcânica**.

No caso das Maldivas, a base é a **Cordilheira de Chagos-Laquedivas**, uma estrutura submarina de cerca de 2.500 quilômetros de extensão que se ergue abruptamente do fundo do Índico e corre de norte a sul. O arquipélago inteiro é a coroa viva dessa cordilheira.

O QUE ISSO SIGNIFICA QUANDO VOCÊ ENTRA NA ÁGUA

Você está mergulhando na **borda externa de uma montanha**. Por isso a parede de qualquer atol maldivo cai reto e some no azul: do lado de fora do anel não existe plataforma, existe o flanco de uma cordilheira submersa. E por isso a laguna interna é rasa, arenosa e calma, enquanto trinta metros para o lado da borda o fundo já passa dos mil metros.

Um detalhe de vocabulário

A palavra **atol** não vem do grego nem do latim. Vem do dhivehi, a língua das Maldivas: *atholhu*. É uma das raras palavras que um idioma insular do Índico exportou para o vocabulário científico do mundo inteiro. Quando um geólogo japonês fala de um atol no Pacífico, ele está usando uma palavra maldiva.

CAPÍTULO TRÊS

O vocabulário do recife

> *Cinco palavras em dhivehi resolvem todos os briefings da semana. Vale decorar antes de embarcar.*

Os nomes dos pontos de mergulho maldivos são quase todos compostos por uma palavra local mais um sufixo que descreve a *forma* daquele pedaço de recife. Sabendo os sufixos, você já sabe metade do briefing antes de ele começar.

Atholhu · atol

O anel inteiro: a barreira de coral, a laguna interna e as ilhas em cima da borda.

Kandu · canal

A passagem que corta a borda do atol e liga a laguna ao oceano. É por ali que a maré empurra a água, e é ali que está o mergulho grande. **Todo nome terminado em "kandu" é mergulho de corrente.**

Thila · pináculo submerso

Uma montanha de coral que sobe do fundo da laguna ou do canal e para *abaixo* da superfície, tipicamente entre 5 e 15 metros do topo. É a formação clássica maldiva: você circunda o thila e a vida se concentra do lado batido pela corrente.

Giri · pináculo raso

Igual ao thila, mas mais raso, chegando quase à superfície. Mergulho mais fácil, mais luz, ótimo para macro e para o último mergulho do dia.

Faru · recife de borda

O trecho de recife que forma a própria borda do atol, com o raso do lado de dentro e a queda do lado de fora.

> **LEIA O NOME, ADIVINHE O MERGULHO**
>
> **Fotteyo Kandu**: canal, portanto corrente, portanto entrada negativa, gancho e olho no azul.
> **Kandooma Thila**: pináculo submerso, portanto descida no topo, volta em torno e vida do lado batido.
> **Maaya Thila**: idem, e é onde acontece o noturno clássico de Ari.
> **Lankan Finolhu**: *finolhu* é banco de areia; o ponto fica no raso, ao lado de um, e é estação de limpeza de manta.

As três posições de um mergulho de canal

Vale entender agora, porque você vai ouvir isso todo dia:

- **Corrente entrando (in-going).** A maré empurra água do oceano para dentro da laguna. Traz água limpa e fria e é a melhor condição para tubarão no canal. É a corrente que os guias preferem.
- **Corrente saindo (out-going).** A laguna esvazia para o oceano. Água mais turva e mais quente, carregada de plâncton. Ruim para visibilidade, ótimo para manta.
- **Estofo de maré.** O intervalo em que a corrente para antes de inverter. Bom para foto e para quem está cansado, e é quando o cardume se espalha.

Nenhuma das três é ruim. Cada uma entrega uma coisa. O guia escolhe o ponto em função do que a maré vai fazer naquela hora, e é por isso que a ordem dos mergulhos muda todo dia.

CAPÍTULO QUATRO

Uma nação a um metro e meio do mar

> *Nenhum outro país tem a existência física tão diretamente ligada ao nível do oceano. Isso está no noticiário há trinta anos e continua verdade.*

A elevação média do solo maldivo é de cerca de **1,5 metro** acima do nível do mar. Não é a média de uma região: é a média do país. O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas já alertou que, nas taxas atuais, a elevação do nível do mar pode tornar as Maldivas inabitáveis até **2100**.

Não é um problema abstrato de fim de século. Já hoje ele aparece como intrusão de água salgada nos lençóis freáticos das ilhas, erosão de praias e ressacas que inundam ilhas inteiras. Em 2004, o tsunami do Índico atravessou o país quase sem encontrar relevo que o freasse.

A IMAGEM QUE RODOU O MUNDO

Em outubro de 2009, semanas antes da conferência do clima em Copenhague, o então presidente **Mohamed Nasheed** reuniu seu gabinete debaixo d'água, de cilindro e regulador, numa laguna a seis metros de profundidade, para assinar um documento pedindo corte global de emissões. Foi encenação deliberada, e funcionou: virou a imagem mais reproduzida da vulnerabilidade das nações insulares.

O paradoxo do coral

Há uma nuance que raramente aparece no noticiário e que é importante. Ilha de coral não é uma pedra parada: é uma estrutura viva que se refaz. Sedimento produzido pelo próprio recife, areia de coral triturado e de conchas, é jogado sobre a ilha pelas ondas, e em condições saudáveis a ilha *cresce* ou muda de forma acompanhando o mar.

Ou seja: a ilha só consegue subir junto com o oceano **enquanto o recife estiver vivo e produzindo sedimento**. É aí que os dois problemas se juntam. Aquecimento e branqueamento matam o recife; recife morto para de fabricar areia; ilha sem areia nova não acompanha a subida do mar.

A conservação de coral nas Maldivas, portanto, não é agenda ambiental. É política de defesa territorial.



Ilha e banco de areia, atóis centrais. A areia que forma o chão do país é coral e concha triturados pelo mar e pelos peixes que raspam o recife. Foto: Gabriel Vieira Costa, Maldivas, novembro de 2024.



PARTE DOIS

Búzios, sultões e resorts

Dois mil e quinhentos anos numa rota de comércio, uma moeda que era um molusco e um país que se reinventou como destino em cinquenta anos

CAPÍTULO CINCO

A moeda que era um molusco

> *Durante séculos, boa parte da África comprou e vendeu com conchas colhidas nas lagunas das Maldivas.*

As Maldivas têm história documentada de mais de **2.500 anos**. O *Mahāvaṃsa*, crônica cingalesa compilada por volta do século V d.C. a partir de tradições muito mais antigas, já registra gente do Sri Lanka emigrando para as ilhas.

A posição explica tudo: o arquipélago fica bem no meio das rotas de monção que ligavam o Golfo Pérsico, a Índia, o Sudeste Asiático e a costa da África. Quem navegava o Índico passava perto, e quem passava perto parava.

Cauri

O produto que colocou as Maldivas no mapa não foi especiaria nem pedra preciosa: foi o **búzio-cauri** (*Monetaria moneta*), um pequeno molusco que se colhe em laguna rasa.

A concha é durável, difícil de falsificar, fácil de contar e transportar, e as lagunas maldivas produziam em quantidade absurda. Isso fez do cauri uma **moeda internacional**, usada da Índia à China e, sobretudo, na África Ocidental, por séculos.

O outro produto de exportação era o **coir**, a fibra da casca seca do coco, resistente à água salgada, usada para costurar e aparelhar os *dhows* que cruzavam o Índico. Fibra maldiva foi exportada para o Sind, a China, o Iêmen e o Golfo Pérsico.

UM PAÍS QUE EXPORTAVA DINHEIRO

Pense na estranheza do arranjo: um arquipélago sem metal, sem pedra de construção e sem terra agricultável exportava, literalmente, moeda. As Maldivas foram, por muito tempo, a casa da moeda do Oceano Índico, e a matéria-prima era colhida na maré baixa.

CAPÍTULO SEIS

1153 e os quinhentos anos seguintes

> *O país foi budista por mais tempo do que é muçulmano. Quase ninguém sabe disso, e as ruínas ainda estão lá.*

Antes do islã, as Maldivas foram **budistas** por cerca de um milênio e meio, e antes disso provavelmente hinduístas. Restos de estupas, cabeças de Buda em coral esculpido e estruturas de templo aparecem em ilhas por todo o arquipélago.

Em **1153**, segundo a tradição, o último rei budista, **Dhovemi**, converteu-se ao islã, adotou o título de Sultão Muhammad al-Adil e inaugurou uma sequência de seis dinastias islâmicas que atravessou quase oitocentos anos, até o sultanato virar eletivo em 1932. Algumas fontes datam a conversão de 1193.

A explicação mais provável é comercial: no século XII os árabes dominavam o comércio do Índico, e um arquipélago que vivia de rota marítima acompanhou a religião de quem movia as mercadorias.

Ibn Battuta

Em **1343**, o viajante marroquino **Ibn Battuta** chegou às ilhas e acabou ficando quase dois anos, inclusive exercendo o cargo de juiz. O relato dele é a melhor descrição medieval das Maldivas: fala do cauri, do coco, do peixe

seco e da organização das ilhas. Os viajantes muçulmanos chamavam o lugar de *Mahal Dibiyat*, do árabe *mahal*, palácio.

Europeus

1558 Os **portugueses** estabelecem presença nas Maldivas, por ordem do vice-rei da Índia portuguesa. A ocupação dura cerca de quinze anos e termina em revolta.

1887 As Maldivas tornam-se **protetorado britânico**, mantendo o sultanato e a administração interna.

1965 Em 26 de julho, **independência** do Reino Unido.

1968 Em 11 de novembro, o sultanato é abolido e proclama-se a **Segunda República**.

1972 Abre o primeiro resort do país. O turismo passa a ser, em poucas décadas, o motor da economia.

2004 Em 26 de dezembro, o **tsunami do Índico** atravessa o arquipélago inteiro. Mais de oitenta mortos e um terço da população afetada, num país sem relevo para frear a onda.

2008 Nova constituição e primeira eleição presidencial multipartidária.

2010 Em março, **proibição total da pesca de tubarão** em toda a zona económica exclusiva. As Maldivas viram santuário.

UM MODELO TURÍSTICO INCOMUM

As Maldivas resolveram uma tensão difícil com uma regra geográfica: durante décadas, **uma ilha, um resort**, e resorts em ilhas desabitadas, separadas das ilhas locais. Isso permitiu turismo internacional com álcool e biquíni sem alterar a vida das comunidades muçulmanas. Nos últimos anos as regras afrouxaram e surgiram pousadas em ilhas locais, mas a lógica de separação ainda organiza o país. Para vocês, que vão de liveaboard, isso quase não pesa: o barco é a ilha.



PARTE TRÊS

O motor: monção e maré

Duas vezes por dia a maré empurra um oceano inteiro pelos canais dos atóis. Tudo o que vocês vão ver está posicionado em função disso

CAPÍTULO SETE

As duas monções

> *Nas Maldivas não existem quatro estações. Existem duas, elas trocam de direção, e a troca decide de que lado do atol você mergulha.*

O clima das Maldivas é de **monção tropical**, comandado pela massa continental da Ásia ao norte. O ano se divide em dois regimes de vento, e os dois têm nome em dhivehi.

	Iruvai	Hulhangu
Direção	Nordeste	Sudoeste
Período	Dezembro a abril	Maio a novembro
Caráter	Seca, vento fraco	Úmida, vento e chuva
Água limpa	Lado leste dos atóis	Lado oeste dos atóis
Plâncton	Lado oeste	Lado leste

Por que isso muda o mergulho

Aqui está a chave, e é a coisa mais útil deste capítulo. A monção empurra a água de um lado do atol para o outro. O lado de onde a água **entra** recebe água oceânica limpa. O lado por onde a água **sai** recebe a água da laguna, mais quente e carregada de plâncton.

Isso divide o país em dois mergulhos diferentes ao mesmo tempo:

- **No lado da água limpa**, visibilidade alta, azul profundo e tubarões nos canais, porque predador segue água clara e corrente forte.

- **No lado do plâncton**, visibilidade menor, água esverdeada e **mantas**, porque manta come plâncton e vai onde ele está.

Durante a monção de sudoeste, que é a de vocês, o plâncton se concentra no **lado leste** dos atóis, e é ali que ficam as estações de limpeza e as áreas de alimentação de manta mais consistentes. O lado oeste entrega a água limpa.

POR QUE O ROTEIRO MUDA TODO DIA

Um guia maldivo experiente não decide o ponto pelo mapa: decide pela combinação de monção, fase da maré e horário. O mesmo canal que é espetacular às sete da manhã pode ser um mergulho vazio às onze. Quando a ordem dos mergulhos mudar em cima da hora, é isso que está acontecendo, e é bom sinal.

CAPÍTULO OITO

O kandu

> *Um atol é uma bacia com portas. Duas vezes por dia a maré enche e esvazia a bacia, e toda essa água passa pelas portas.*

Imagine o atol como uma piscina rasa e enorme, de dezenas de quilômetros de diâmetro, cercada por um muro de coral. Esse muro tem aberturas: os **kandus**. Quando a maré sobe no oceano, a água entra pelos kandus e enche a laguna. Quando desce, sai pelo mesmo caminho.

O volume é imenso e a passagem é estreita. O resultado é o que qualquer um que já apertou o bico de uma mangueira entende: a água acelera.

A cadeia inteira em quatro passos

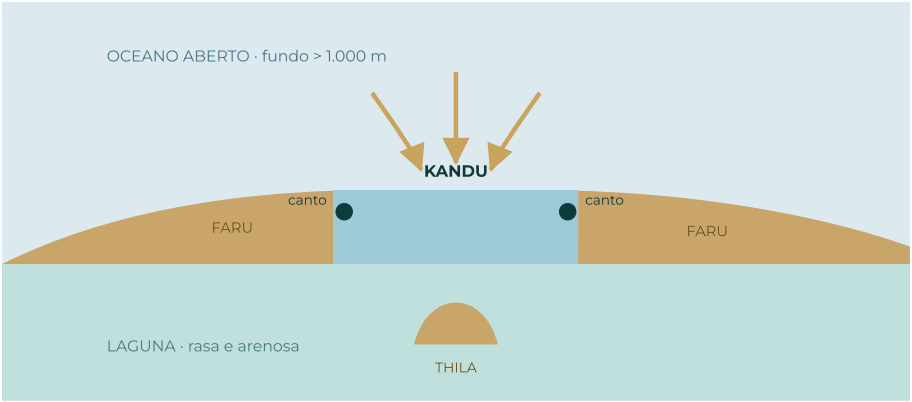
1. A corrente arrasta **plâncton** e o concentra na entrada do canal e nas bordas onde a água bate.
2. Peixes pequenos planctívoros, **anthias**, fusileiros, peixes-de-vidro, se posicionam de frente para a corrente e comem sem sair do lugar.
3. Predadores de médio porte, xaréus, cavalas, atuns, patrulham a borda desses cardumes.
4. No topo, **tubarões de recife** ficam parados no fluxo, com o mínimo de esforço, esperando. E, do lado do plâncton, as **mantas** filtram a água com a boca aberta.

Tudo isso está preso ao mesmo relógio, que é o da maré. Por isso um mergulho no kandu certo, na hora certa, é uma das coisas mais densas de vida

que existem, e o mesmo lugar duas horas depois pode estar deserto.

A POSIÇÃO CORRETA NO CANAL

Com corrente entrando, o grupo entra pelo **canto externo** do canal, o ombro onde o oceano encontra a borda, e é ali que estão os tubarões. Depois solta e vai à deriva para dentro da laguna, subindo devagar. Esse é o desenho padrão de quase todo mergulho de canal nas Maldivas, e é por isso que o briefing sempre fala em "entrar no canto".



Esquema de um canal de atol com corrente entrando. Fora de escala.

Corte de um kandu com a corrente entrando. Os tubarões ficam nos cantos externos, onde a água bate primeiro; o thila fica atrás, dentro do fluxo. Ilustração: Dive For Fun.

CAPÍTULO NOVE

Novembro: como vai estar o mar

> *Vocês pegaram o fim da monção de sudoeste, quando a água começa a limpar e as mantas ainda não foram embora.*

Novembro é mês de transição. O **Hulhangu**, a monção de sudoeste, está terminando, e o **Iruvai**, de nordeste, ainda não se firmou. Na prática, isso significa vento diminuindo, chuva diminuindo e visibilidade melhorando ao longo do mês, com a produtividade da monção úmida ainda na água.

28–29 °C	~30 °C	15–30 m
ÁGUA	AR	VISIBILIDADE

O que esperar

- **Água entre 28 e 29 °C**, quente e estável o ano inteiro. Não há termoclina marcada. **Roupa de 3 mm** resolve para quase todo mundo; quem faz três ou quatro mergulhos por dia durante uma semana costuma agradecer um 5 mm fino ou um colete.
- **Visibilidade variável**, e essa variação é a informação importante. Do lado da água limpa você pode ter 30 metros; do lado do plâncton, 15. Não é problema do dia: é a escolha do ponto.
- **Chuva** ainda possível, em pancadas curtas. Não atrapalha o mergulho e refresca o convés.

- **Mar** geralmente tranquilo dentro dos atóis. As travessias entre atóis podem ser movimentadas, e várias acontecem à noite, com o barco navegando enquanto você dorme.
- **Sol** equatorial e vertical. É o sol mais forte que a maioria de vocês já tomou. Protetor de recife, camisa de lycra e sombra no convés.

> **SOBRE A EXPECTATIVA DE MANTA**
>
> Novembro é bom mês de manta nos atóis centrais, mas manta é bicho, não atração. Ela aparece onde há plâncton, e plâncton depende de vento, maré e sorte. Vá com expectativa de *encontrar*, não de *garantir*. Quem chega com a foto já pronta na cabeça costuma sair frustrado de uma semana que foi ótima.

A semana a bordo

A rota central funciona em ciclo semanal fixo, de **sábado a sábado**, com embarque e desembarque no aeroporto de Malé. São **sete noites a bordo** e até **18 mergulhos** na semana. O Apêndice A explica como esse ciclo se organiza.



PARTE QUATRO

Quem mora ali

Mil e cem espécies de peixe, cento e oitenta e sete de coral, e uma população de mantas que a ciência conhece indivíduo por indivíduo

CAPÍTULO DEZ

O panorama

> *Os números do arquipélago, para calibrar o que esperar.*

Os recifes das Maldivas são formados por **187 espécies de coral**. Nessa área do Índico já foram registradas **1.100 espécies de peixes**, **5 espécies de tartaruga marinha**, **21 espécies de baleia e golfinho**, **400 espécies de molusco** e **83 de equinodermos**, além de mais de 145 espécies de caranguejo e 48 de camarão.

1.100	187	21	5
PEIXES	CORAIS	CETÁCEOS	TARTARUGAS

Não é o endemismo que impressiona aqui, como acontece no Mar Vermelho ou em Cocos. É a **abundância**. As Maldivas ficam no meio de um oceano fértil, cortado por correntes, com uma quantidade absurda de habitat de recife: mais de mil ilhas, cada uma cercada por seu próprio anel, com laguna, canal, parede e pináculo.

O resultado é densidade. Você não vai ver espécies que não existem em outro lugar. Você vai ver muito mais bicho por metro cúbico do que está acostumado.

CAPÍTULO ONZE

A manta-de-recife

> *O animal desta viagem. Cada indivíduo tem uma marca de nascença única na barriga, e nas Maldivas eles têm ficha, nome e histórico.*

Manta-de-recife VU

Mobula alfredi

Envergadura típica de 3 a 4 metros, podendo passar de 5. É a espécie residente de recife, menor e mais costeira que a manta-gigante oceânica (*Mobula birostris*), que também ocorre nas Maldivas mas é bem mais rara na rota central.

Uma máquina de filtrar

Manta é um elasmobrânquio, parente de tubarão e raia, e não tem ferrão. Ela se alimenta filtrando zooplâncton com placas branquiais, e as duas "abas" enroladas na frente da cabeça, os **lobos cefálicos**, funcionam como funil: quando ela vai comer, desenrola os dois e canaliza a água para dentro da boca aberta.

Quando a densidade de plâncton fica muito alta, aparecem os comportamentos que fazem a fama do lugar: mantas **cambalhotando** no mesmo ponto, girando sobre si mesmas para não sair da mancha de comida, e às vezes se enfileirando em **corrente de alimentação**, uma atrás da outra, cada uma aproveitando a água que a da frente revolveu.

A estação de limpeza

O outro comportamento, e o mais confiável para o mergulhador, é a limpeza. Em pontos fixos do recife, quase sempre um topo de *thila* ou uma cabeça de coral batida pela corrente, vivem bodiões e peixes-borboleta limpadores. A manta chega, reduz a velocidade, quase para no lugar, e fica **pairando** enquanto os limpadores tiram parasitas da pele, das brânquias e da boca.

Ela volta às mesmas estações ano após ano. É isso que torna o encontro previsível o bastante para entrar num roteiro.

COMO NÃO ESPANTAR A MANTA

Este é o briefing mais importante da semana, e o mais desrespeitado do mundo.

Fique embaixo, nunca em cima. Manta lê sombra e movimento vindos de cima como ameaça. Ajoelhe ou paire no fundo, **ao lado** da estação, e deixe ela vir.

Não persiga. Nadar atrás de manta é a forma mais rápida de terminar o mergulho sem manta. Ela é muito mais rápida que você.

Não bloqueie a rota. Se ela está descendo para a estação e você está no meio, ela desvia e vai embora.

Não toque, nunca. A pele é coberta por uma camada de muco que protege contra infecção. Um toque remove essa camada.

Respire devagar. Cortina de bolha embaixo de uma manta em limpeza dispersa o animal.

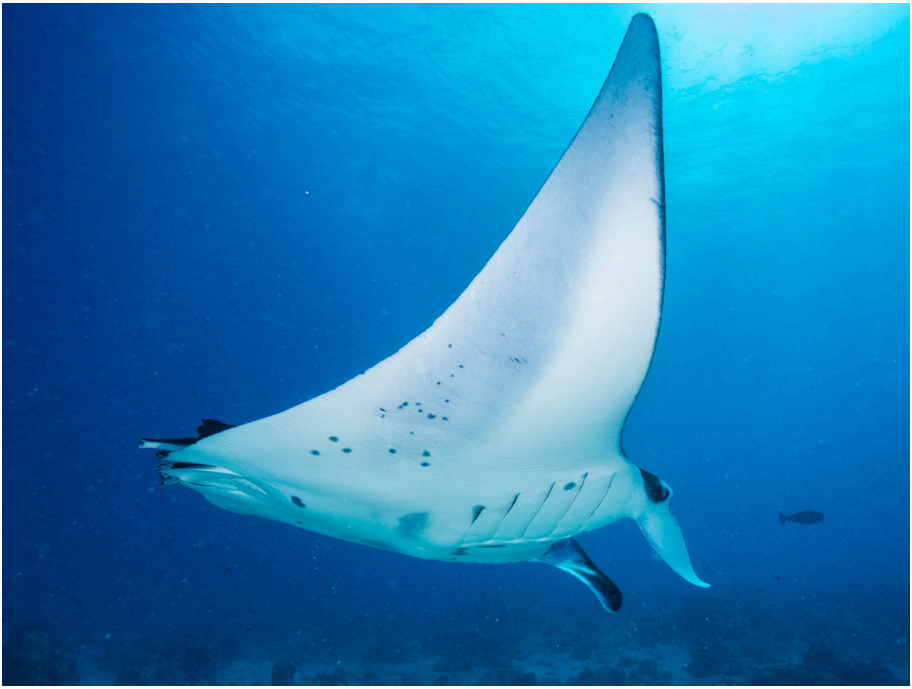
Cada uma tem nome

O padrão de manchas escuras na barriga de uma manta é **único e permanente**, como uma impressão digital. Isso permitiu montar catálogos de foto-identificação, e as Maldivas têm um dos maiores e mais antigos do mundo, mantido pelo **Manta Trust** e pelo programa maldivo de conservação de mantas.

Milhares de indivíduos estão catalogados, com histórico de avistamentos que se estende por muitos anos e revela rotas, fidelidade a locais e até relações entre animais.

SUA FOTO VALE COMO DADO CIENTÍFICO

Se você conseguir uma foto **do ventre inteiro, de frente e reta**, com data e local, ela pode ser submetida ao catálogo. Se for um indivíduo novo, você participa do registro dele; se for conhecido, você acrescenta um ponto à história daquele animal. Pergunte à tripulação para onde mandar. É a coisa mais útil que um mergulhador com câmera pode fazer nas Maldivas.



Manta-de-recife (*Mobula alfredi*) nos atóis centrais. O padrão de manchas do ventre é único em cada indivíduo e permite identificá-lo por foto. Foto: Gabriel Vieira Costa, Maldivas, novembro de 2024.



Manta alimentando-se à noite, de boca aberta e lobos cefálicos desenrolados. As luzes do barco atraem plâncton, e o plâncton atrai a manta: um comportamento que só acontece depois do escuro. Foto: Gabriel Vieira Costa, Maldivas, novembro de 2024.

CAPÍTULO DOZE

Tubarões

> *As Maldivas proibiram a pesca de tubarão em 2010 e viraram referência mundial. O resultado se vê em qualquer canal.*

Tubarão-cinzento-de-recife EN

Carcharhinus amblyrhynchos

O tubarão dos canais. Corpo robusto, borda da cauda marcada de preto, e o hábito de ficar parado de frente para a corrente, gastando o mínimo de energia. É o animal que você vai procurar toda vez que descer num kandu com maré entrando.

Se um deles arquear as costas, baixar as peitorais e nadar em zigue-zague, isso é **exibição de ameaça**, e quer dizer que você chegou perto demais. Recue devagar, de frente, e acabou.

Tubarão-de-recife-de-pontas-brancas VU

Triaenodon obesus

Esguio, com as pontas brancas na dorsal e na cauda. Passa o dia parado sob saliências de coral e caça à noite, entrando em fendas atrás de peixe adormecido. Inofensivo.

Tubarão-enfermeira-fulvo VU

Nebrius ferrugineus

Pesado, de boca pequena, barbilhões no focinho e cara plácida. Suga presas do fundo em vez de morder. É o protagonista do mergulho noturno de **Alimatha**, em Felidhoo, onde dezenas deles se reúnem no raso, junto ao píer, num dos mergulhos mais impressionantes e mais controversos do país.

Tubarão-baleia EN

Rhincodon typus

O maior peixe do mundo, filtrador e inofensivo. Nas Maldivas ocorre o ano inteiro, e a região de maior consistência é o **sul do atol de Ari**, onde há uma área marinha protegida criada especificamente para ele. Encontros costumam ser em snorkel, no raso, com o animal seguindo em linha reta.

Regras: não tocar, não bloquear o caminho, não usar flash na cara, e manter distância. Nadar por cima da cabeça faz ele mergulhar e sumir.

Tubarão-de-recife-de-pontas-negras VU

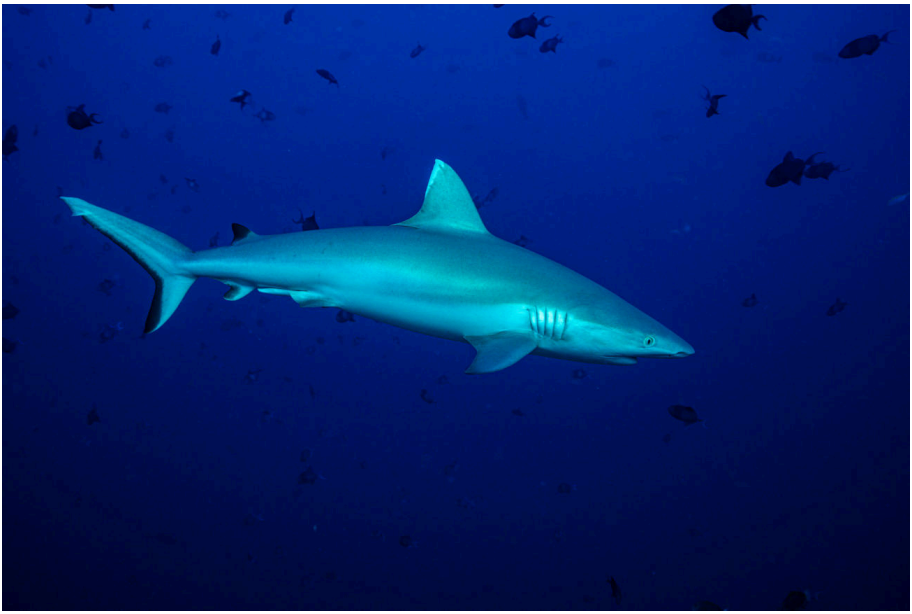
Carcharhinus melanopterus

O tubarão do raso. Pontas negras bem marcadas na dorsal e na cauda, e o hábito de patrulhar lagunas e bordas de ilha com meio metro de água. É o que você vai ver da escada do barco, do dhoni e do banco de areia, muitas vezes antes de molhar a máscara. Tímido com mergulhador.

Tubarão-martelo-recortado CR

Sphyrna lewini

A loteria dos canais. Aparece no azul, fundo, de madrugada, com mais regularidade no atol de Rasdhoo, vizinho de Ari, onde há mergulhos feitos só para procurá-lo. Nos canais da rota central é encontro ocasional, quase sempre com maré entrando e água limpa. Criticamente em Perigo no mundo inteiro, e um dos motivos pelos quais o santuário maldivo importa.



Tubarão-cinzento-de-recife (*Carcharhinus amblyrhynchos*) parado na corrente. Foto: Gabriel Vieira Costa, Maldivas, novembro de 2024.

UMA NOTA HONESTA SOBRE ALIMATHA

O agrupamento de tubarões-enfermeira e arraias no píer de Alimatha se formou, em boa medida, por décadas de descarte de restos de peixe pelo resort local. É um mergulho espetacular e é também um comportamento induzido por gente. Vale saber disso, ir com respeito e não tratar como natureza intocada.

CAPÍTULO TREZE

Raias, tartarugas e o recife

> *O elenco de apoio, que em qualquer outro destino seria o elenco principal.*

Raia-águia-pintada

Aetobatus ocellatus

Focinho de pato, dorso escuro coberto de manchas brancas e uma cauda muito longa. Costuma passar em pequenos grupos, em formação, cruzando o canal na água azul. É uma das silhuetas mais bonitas do mergulho maldivo.

Raia-chicote-rosa VU

Pateobatis fai

A arraia grande e lisa, de dorso cinza-rosado e cauda fina como chicote, que forma os tapetes de Alimatha e aparece parada em fundo de areia nas lagunas. Pode passar de um metro e meio de disco. Tem ferrão, como toda arraia de fundo: nunca ande nem se ajoelhe em areia sem olhar antes.

Tartaruga-de-pente CR

Eretmochelys imbricata

A mais comum nos recifes daqui. Bico ganchudo, casco com placas sobrepostas e borda serrilhada. Come esponja, e é uma das poucas criaturas do mar capazes disso.

Tartaruga-verde EN

Chelonia mydas

Maior, de bico arredondado, adulta herbívora. Mais associada a bancos de grama marinha e a lagunas rasas.

Os cardumes

- **Vermelho-de-listra-azul** (*Lutjanus kasmira*), em cortinas amarelas densas junto ao coral. É o cardume mais fotogênico do país.
- **Olho-de-boi** ou *bigeye* (*Priacanthus* e afins), vermelhos, de olho enorme, empilhados sob saliências.
- **Fusileiros** (Caesionidae), em nuvens azuis e amarelas na coluna d'água, sempre de frente para a corrente.
- **Barracudas**, em colunas que giram devagar na água azul.
- **Peixes-de-vidro**, em bolas cintilantes dentro de overhangs e cavernas.

Os personagens fixos

- **Peixe-napoleão** (*Cheilinus undulatus*, **EN**), o gigante de lábios grossos e corcova na testa.
- **Peixe-anêmona-das-maldivas** (*Amphiprion nigripes*), endêmico da região, laranja com uma única faixa branca e nadadeiras ventrais pretas.
- **Peixe-gatilho-palhaço** (*Balistoides conspicillum*), branco com bolas enormes na barriga, um dos peixes mais desenhados do oceano.
- **Peixe-morcego** (*Platax* spp.), curioso, que se aproxima e acompanha o mergulhador.
- **Moreias**, incluindo a moreia-de-boca-amarela, muito comum nos thilas.

- **Peixe-imperador** (*Pomacanthus imperator*), o angel de listras azuis e amarelas.
- **Golfinhos-rotadores** (*Stenella longirostris*), em grupos grandes nos canais no fim da tarde, saltando e girando. Vistos do dhoni e do convés quase todo dia; na água, raramente ficam.

Os corais

A estrutura que você vai ver é obra de **coral duro**, que deposita esqueleto de carbonato de cálcio. Nas Maldivas predominam os gêneros *Acropora*, em mesas e ramos que crescem rápido e são os primeiros a morrer num branqueamento, e *Porites*, em domos maciços que crescem devagar e resistem mais. É por isso que, depois de 1998, 2016 e 2024, muitos rasos trocaram mesas por domos.

Nos canais e thilas batidos pela corrente aparece o **coral mole**, sem esqueleto rígido, que incha com água quando a corrente passa: é o rosa e o laranja das paredes de HP Reef e de Fotteyo. Ele depende menos de luz e por isso forra tetos de caverna e overhangs. E há as **gorgônias**, leques plantados de través na corrente para filtrar o que passa.



Cardume de vermelhos-de-listra-azul (*Lutjanus kasmira*) sobre o recife, com uma manta ao fundo. Foto: Gabriel Vieira Costa, Maldivas, novembro de 2024.

CAPÍTULO QUATORZE

O que não se toca

> *As Maldivas são um destino seguro. Todo problema com fauna aqui começa com uma mão fora do lugar.*

Coral de fogo

Millepora spp.

Não é coral verdadeiro, é parente de água-viva. Amarelo-mostarda com pontas esbranquiçadas. Queima na hora e a marca dura dias. Campeão de acidentes, porque as pessoas se apoiam nele para estabilizar a foto.

Peixe-leão LC

Pterois spp.

Lindo, lento e cheio de espinhos venenosos. Não ataca, mas também não sai da frente. O risco é recuar sem olhar para trás.

Peixe-pedra e peixe-escorpião

Synanceia spp. · Scorpaenopsis spp.

Invisíveis, imóveis, no fundo. Nunca apoie mão ou joelho, nem em cascalho de aparência inofensiva.

Peixe-gatilho-titã

Balistoides viridescens

O único que vai atrás de você. Na época de reprodução defende um território em forma de cone que **se abre para cima**: nadar para a superfície é entrar mais fundo nele. Afaste-se **na horizontal**, rente ao fundo, com a nadadeira entre você e ele.

E O CORAL, QUE É A VÍTIMA MAIS FREQUENTE

A ameaça real nas Maldivas não é o que machuca o mergulhador: é o mergulhador que machuca o recife. Nadadeira em coral, gancho preso em coral vivo, joelho apoiado num Acropora. Uma colônia que levou trinta anos para crescer quebra em um segundo, e num país que depende do recife até para continuar existindo, isso é mais grave do que parece.



PARTE CINCO

Mergulhar os atóis centrais

Dezoito mergulhos em quatro atóis, todos decididos pela maré. Kandu, thila, giri e o noturno com tubarões-enfermeira

CAPÍTULO QUINZE

O barco e a rotina

> *Sete noites, dezoito mergulhos e um sistema de dois barcos que é o padrão maldivo e surpreende quem nunca viu.*

A rota central sai de Malé em ciclo semanal fixo, com embarque no **sábado** e desembarque no sábado seguinte, pela manhã, no aeroporto. São **7 noites** a bordo do **BlueForce 3**, com pensão completa, e **até 18 mergulhos** na semana, incluindo noturnos.

O dhoni

Esta é a particularidade maldiva. O liveaboard quase nunca é o barco de onde você mergulha. Ele navega acompanhado por um **dhoni**, um barco de apoio de madeira, tradicional do país, que carrega os cilindros, o compressor e o deck de mergulho.

Na prática: você se equipa no dhoni, mergulha do dhoni, sobe no dhoni, e volta para o liveaboard para comer e dormir. Isso deixa o barco principal limpo e silencioso, e permite que o dhoni te deixe num ponto e te busque em outro, que é exatamente o que um mergulho de deriva precisa.

O ritmo da semana

Sábado	Recepção no aeroporto de Malé, transferência ao barco, acomodação, briefing de segurança e jantar a bordo.

Dom a sex	Os dias de mergulho. Três imersões diárias, mais noturnos, percorrendo Malé Norte, Malé Sul, Felidhoo e Ari. Snorkel, caiaque e stand up paddle para quem não mergulha, e a possibilidade de churrasco em ilha deserta e passeio por Malé conforme o tempo.
Sexta	Últimos mergulhos pela manhã, respeitando o intervalo antes do voo, e retorno para as proximidades de Malé.
Sábado	Desembarque pela manhã no aeroporto de Malé.

Um dia típico

Café leve antes do sol nascer, briefing, primeiro mergulho cedo, com a maré certa. Café da manhã de verdade depois. Segundo mergulho no meio da manhã, almoço, descanso, terceiro à tarde, jantar, e o noturno quando há.

O horário dos mergulhos não é fixo, e essa é a diferença mais importante em relação a outros destinos: **aqui quem manda é a maré**. Se o melhor momento de Fotteyo é às 6h40, o briefing é às 6h10. Se a corrente vai virar às 15h, o terceiro mergulho anda para trás. Aceite a agenda do guia sem discutir: ele está lendo a tábua, não improvisando.

REQUISITO DE CERTIFICAÇÃO

A rota central pede **Advanced Open Water ou equivalente** e recomenda cerca de **50 mergulhos registrados**. Não é por profundidade: é por corrente e deriva. Se você está abaixo disso, ou faz tempo que não mergulha, fale com a gente antes e a gente resolve com um refresh.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Malé Norte e Malé Sul

> *Os dois atóis da capital. Os mais visitados do país, e ainda assim entre os melhores.*

Os nomes abaixo são os que aparecem com mais frequência nesta rota. A escolha real de cada dia é do guia, em função de monção, maré e de quantos barcos estão na área.

Malé Norte (Kaafu)

Lankan · Manta Point

ESTAÇÃO DE LIMPEZA · 8 A 15 M · FÁCIL · CORRENTE MODERADA

Uma sequência de cabeças de coral num fundo raso ao lado de um banco de areia, cada uma funcionando como **estação de limpeza de manta**. Durante a monção de sudoeste, que é a de vocês, é um dos pontos mais consistentes do país.

O procedimento é sempre o mesmo: o grupo se posiciona **no fundo, ao lado** da estação, todo mundo baixo, e espera. Quem sobe para "ver melhor" estraga o mergulho de doze pessoas. Por ser raso, o tempo de fundo é longo e a luz é boa.

Banana Reef

RECIFE EM FORMA DE BANANA · 5 A 30 M · O CLÁSSICO HISTÓRICO

Um dos primeiros pontos de mergulho catalogados das Maldivas, e ainda excelente. Tem de tudo num mergulho só: overhangs, cavernas, um jardim de coral raso, paredões e cardumes densos de vermelhos e olhos-de-boi. Bom ponto de checagem no primeiro dia.

HP Reef · Rainbow Reef

THILA EM CANAL · 10 A 30 M · CORRENTE FORTE · ÁREA PROTEGIDA

Um pináculo dentro de um canal, com paredes cobertas de **coral mole** em rosa, laranja e roxo, que é de onde vem o apelido. Tem uma fenda vertical famosa e overhangs cheios de peixe-de-vidro. Corrente costuma ser forte, e é justamente ela que mantém o coral mole inflado e colorido.

Nassimo Thila

THILA · 10 A 30 M · CORRENTE MODERADA A FORTE

Também chamado de Paradise Rock. Um pináculo alongado com gorgônias grandes na face batida pela corrente, cardumes na coluna e tubarões-de-recife circulando na borda.

Malé Sul (Kaafu)

Kandooma Thila

THILA EM FORMA DE CORAÇÃO · 14 A 30 M+ · CORRENTE FORTE · O PREFERIDO DE MUITA GENTE

Um pináculo grande na boca de um canal, com formato que lembra um coração visto de cima. Você desce no ponto batido pela corrente e encontra, quase sempre, **tubarões-cinzentos** pairando no fluxo, xaréus caçando e cardumes enormes de fusileiros. É mergulho de corrente de verdade, e é onde o gancho faz mais diferença.

Guraidhoo Kandu

CANAL · 10 A 30 M+ · CORRENTE FORTE · TUBARÃO

Um canal largo com dois cantos bem definidos. Com maré entrando, o canto certo entrega tubarão-cinzento, ponta-branca, raia-águia e, ocasionalmente, tubarão-martelo passando no azul. Termina em deriva para dentro da laguna.

Cocoa Corner e Embudhoo Express

CANAIS · DERIVA LONGA · CORRENTE FORTE

Dois canais clássicos de deriva do atol sul. Embudhoo é um canal comprido, protegido, que se percorre inteiro com a corrente entrando, com overhangs cheios de tubarão descansando. O nome “express” não é decorativo.



Tubarões-cinzentos-de-recife na boca de um canal, com maré entrando. É essa a cena que o mergulho de kandu procura. Foto: Gabriel Vieira Costa, Maldivas, novembro de 2024.

CAPÍTULO DEZESSETE

Felidhoo e Ari

> *O atol mais selvagem da rota e o mais rico. Um tem os canais, o outro tem os thilas e o tubarão-baleia.*

Felidhoo (Vaavu)

Vaavu é o atol menos povoado dos quatro, com pouquíssimas ilhas habitadas, e tem a borda leste rasgada por canais compridos e fundos. É o atol de mergulho grande da rota.

Fotteyo Kandu

CANAL · 10 A 40 M · CORRENTE FORTE · FREQUENTEMENTE CITADO ENTRE OS MELHORES DO PAÍS

Um canal com uma parede externa perfurada de cavernas, arcos e fendas, todas cobertas de coral mole. Aparece com regularidade em listas de melhores mergulhos das Maldivas, e o motivo é a soma: topografia complexa, corrente boa e muito animal grande.

Com maré entrando, o canto do canal reúne **tubarões-cinzentos**, atum, xaréu e cardumes. Nos buracos da parede, peixe-de-vidro e coral mole em cor cheia. Um dos mergulhos da viagem.

Miyaru Kandu

CANAL · 15 A 30 M+ · CORRENTE FORTE · *MIYARU* QUER DIZER TUBARÃO

O nome entrega o conteúdo. Um canal batido, com platô a cerca de 25 metros de onde se observa o desfile: cinzentos, pontas-brancas, raias-águia e, com sorte, martelo no azul. Mergulho de olhar para fora, não para o recife.

Alimatha · o noturno

RASO, JUNTO AO PÍER · 8 A 15 M · SEM CORRENTE · ALTA DENSIDADE DE ANIMAIS

O mergulho noturno mais famoso das Maldivas. Num fundo de areia raso, ao lado do píer da ilha, reúnem-se dezenas de **tubarões-enfermeira**, arraias grandes e xaréus, num redemoinho de corpos que passa perto e por cima dos mergulhadores.

É intenso e é seguro, desde que você siga o briefing: fique no fundo, sentado ou ajoelhado na areia, mãos junto ao corpo, sem correr e sem colocar a mão na frente do animal. Vale de novo a nota de honestidade: esse agrupamento tem origem em décadas de descarte de restos de peixe pelo resort. É espetacular, e não é intocado.

Ari (Alifu)

O maior e mais diverso dos quatro. Ari tem os *thilas* mais clássicos do país, estações de limpeza de manta que trocam de lado conforme a monção e, no extremo sul, uma área de ocorrência regular de tubarão-baleia.

Maaya Thila

THILA · TOPO A 6 M, BASE ALÉM DE 30 · ÁREA PROTEGIDA · O NOTURNO CLÁSSICO DE ARI

Um pináculo circular pequeno o bastante para ser circundado várias vezes num mergulho. De dia tem tubarões-de-recife, tartarugas, moreias e cardumes. **De noite é outro lugar**: os pontas-brancas caçam em bando, entrando em fendas, cruzando o facho da lanterna e passando entre as pernas de quem está no fundo. É um dos noturnos mais famosos do mundo.

Fish Head · Mushimasmingili Thila

THILA · 10 A 40 M · ÁREA PROTEGIDA · CORRENTE FORTE

Um dos pontos mais conhecidos das Maldivas, protegido desde os anos 1990. Paredes com overhangs, gorgônias, cardumes densos de vermelhos e fusileiros, napoleões residentes e tubarões-cinzentos na face batida.

Broken Rock e Kudarah Thila

THILAS · 12 A 30 M · TOPOGRAFIA · CORRENTE MODERADA A FORTE

Broken Rock é um pináculo cortado ao meio por um cânion estreito que se atravessa, com paredes cobertas de coral mole. Kudarah é um thila pequeno com quatro cabeças de coral no topo e um dos jardins de coral mole mais bonitos do atol. Os dois são mergulhos de paisagem, não só de bicho.

Sul de Ari · tubarão-baleia

ÁREA MARINHA PROTEGIDA · SNORKEL NO RASO · NÃO É MERGULHO DE CILINDRO

A faixa sul do atol de Ari é a área de maior consistência de **tubarão-baleia** das Maldivas, e é uma área marinha protegida criada para isso. O encontro costuma ser de snorkel, com o barco localizando o animal na superfície e o grupo entrando na água à frente dele.

Regras são levadas a sério: distância mínima, sem tocar, sem flash, sem bloquear a rota e sem nadar sobre a cabeça. E, de novo, é bicho: não está no contrato.



Tubarão-enfermeira-fulvo (*Nebrius ferrugineus*) no raso. A boca pequena suga presas do fundo em vez de morder. Foto: Gabriel Vieira Costa, Maldivas, novembro de 2024.

CAPÍTULO DEZOITO

Técnica de corrente

> *Nas Maldivas a corrente não é um problema a resolver. É a ferramenta que você vai usar a semana inteira.*

Entrada negativa

Você entra do dhoni com o colete **completamente vazio**, para afundar imediatamente e não ser levado na superfície, onde a corrente é mais forte. Regulador na boca, máscara na cara, mão segurando os dois, e a decisão de descer já tomada antes de rolar.

O erro clássico é entrar com "só um pouquinho" de ar no colete e passar trinta segundos boiando. Nesses trinta segundos você já está a cinquenta metros do ponto.

O gancho de corrente

O **reef hook** é um cabo curto com mosquetão numa ponta e gancho na outra. Você prende o gancho em **rocha morta ou coral já quebrado**, nunca em coral vivo, prende o cabo no colete e infla um pouco. Você fica flutuando como pipa na corrente, sem esforço, com as duas mãos livres.

É o equipamento que transforma um mergulho de canal exaustivo num mergulho confortável de trinta minutos observando tubarão. Nas Maldivas ele não é acessório: leve o seu.

Para soltar, esvazie o colete primeiro, depois desprenda. Se você soltar o gancho ainda inflado, sobe como rolha.

A deriva e a boia

A maioria dos mergulhos termina à deriva, dentro da laguna, longe de onde entrou. Boia de superfície de pelo menos 1,5 metro, com carretel, é **obrigatória**, e você precisa saber dispará-la a cinco metros, sem referência, sem se enrolar na linha e sem subir junto.

O dhoni procura boia. Cabeça na água, em mar com onda, é praticamente invisível.

Se a corrente ficar mais forte que o previsto

- **Não lute de frente.** Você perde e gasta todo o ar.
- **Desça e use o relevo.** Perto do fundo e atrás de estruturas a corrente é bem menor.
- **Se estiver sendo levado para o azul**, não tente voltar. Suba com controle, faça a parada e dispare a boia.
- **Corrente descendente**, que empurra para baixo na parede externa, acontece. Se sentir, afaste-se da parede em direção ao azul, infle e nade na horizontal, nunca na vertical.

A HABILIDADE QUE VALE A SEMANA

Se você for treinar uma coisa antes de embarcar, treine **flutuabilidade parada e disparo de boia em água azul**. Não é profundidade, não é frio e não é distância. É saber ficar imóvel numa corrente e saber ser encontrado no final.

CAPÍTULO DEZENOVE

Equipamento e segurança

> *Água quente e visibilidade boa dão a impressão de mergulho fácil. A lista continua a mesma.*

O que levar

- **Roupa de 3 mm** para a maioria; 5 mm fino ou colete para quem sente frio ou faz três a quatro mergulhos por dia.
- **Gancho de corrente** com cabo de cerca de 1,5 m e mosquetão. Item de uso diário aqui.
- **Boia de superfície** de 1,5 m ou mais, com **carretel**. Não é a boinha dobrada no bolso.
- **Apito** no colete e, se possível, espelho de sinalização.
- **Computador de mergulho** com nitrox e bateria ou computador reserva.
- **Duas lanternas** para os noturnos: principal e reserva.
- **Máscara reserva**, o-rings, presilhas, fita.
- Protetor solar de recife, sem oxibenzona nem octinoxato, e camisa de lycra.

NITROX

Na rota central o nitrox costuma ser **opcional e pago à parte**, por pacote da semana inteira. Com até 18 mergulhos em seis dias, entre 20 e 30 metros, a diferença de margem é grande. Vale. Se você ainda não é credenciado, faça o curso antes de viajar.

Segurança

As Maldivas têm **câmaras hiperbáricas** em operação no país, inclusive nas proximidades de Malé e no atol de Ari. Isso é uma vantagem real em relação a destinos remotos, e ainda assim os procedimentos não mudam.

- Mergulhe dentro dos limites de não descompressão.
- Parada de segurança de 3 minutos a 5 metros, sempre. Em deriva, ela é feita solta na água azul, com a boia disparada.
- Subida a menos de 9 metros por minuto na parte final.
- Hidrate-se muito. Calor equatorial, sol e três mergulhos por dia desidratam mais do que parece.
- Seguro de mergulho com cobertura de câmara e evacuação é **obrigatório**. Leve o número de emergência impresso.

O INTERVALO ANTES DE VOAR

O último dia a bordo tem mergulho só de manhã, e depois nada. Não é sobra de programação: é o intervalo de dessaturação antes do voo. A recomendação usual após vários dias de mergulhos repetitivos é de **pelo menos 18 horas** sem mergulhar antes de embarcar em avião. Some a isso que muita gente vai emendar um voo longo de volta ao Brasil, e a conta fica ainda mais importante. Nada de "um rápido" no último dia.



PARTE SEIS

O que está em jogo

Um país que precisa do recife vivo para continuar existindo fisicamente, e que já viu esse recife morrer três vezes em vinte e seis anos

CAPÍTULO VINTE

O recife que já morreu três vezes

> *1998, 2016 e 2024. Três eventos de branqueamento em massa em vinte e seis anos, cada um chegando antes de o recife ter absorvido o anterior.*

Coral raso vive numa faixa térmica estreita. Quando a água passa cerca de 1 °C **acima da máxima média de verão** por algumas semanas, o coral expulsa as algas simbiontes que vivem dentro dele e que lhe dão cor e boa parte do alimento. O esqueleto branco aparece por transparência: é o **branqueamento**. Se a temperatura voltar rápido, ele se recupera. Se não voltar, morre.

1998

O El Niño de 1997 e 1998 provocou o primeiro evento global de branqueamento em massa já registrado, e o Oceano Índico foi das regiões mais atingidas. Nas Maldivas a mortalidade de coral raso foi devastadora, com estimativas de perda da maior parte das colônias em água rasa em vários atóis.

O recife maldivo passou os anos seguintes se reconstruindo, devagar. Coral duro cresce em ordem de centímetros por ano.

2016

Em 2015 e 2016, outro El Niño forte produziu novo evento global, e as Maldivas foram atingidas de novo, com branqueamento generalizado. A dife-

rença crítica é o intervalo: dezoito anos não bastam para um recife se refazer por completo. O segundo golpe caiu sobre uma estrutura que ainda estava em recuperação.

2024

O quarto evento global de branqueamento, declarado em abril de 2024, chegou às Maldivas em março daquele ano, quando o Instituto de Pesquisa Marinha do país emitiu o primeiro alerta. Um levantamento publicado em 2026, com 18 recifes dos atóis centrais e do sul, mediu o resultado: nos **atóis centrais, a cobertura de coral duro vivo caiu mais de 40% em média**, e um recife de laguna em Ari perdeu 57%. As mesas e os ramos de *Acropora* foram os mais atingidos, e o que sobrou pende para corais maciços e incrustantes, com menos relevo e menos abrigo para peixe.

Em extensão, 2024 igualou 2016. Em intensidade, chegou perto de 1998. E veio oito anos depois do anterior, não dezoito. O sul do país sofreu menos, e por isso já se fala nele como possível refúgio climático.

POR QUE AQUI É DIFERENTE DE TODO LUGAR

Em qualquer país, recife morto é perda ecológica e econômica. Nas Maldivas é perda **territorial**. As ilhas são feitas de sedimento produzido pelo próprio recife: areia de coral e concha triturados. Recife vivo fabrica areia e a ilha acompanha a subida do mar. Recife morto para de fabricar, e a ilha começa a perder para o oceano.

Um país a um metro e meio do nível do mar não está protegendo coral por amor à natureza. Está protegendo o chão.

O que você vai ver

Vale ir com a expectativa calibrada. O recife maldivo hoje é um mosaico: há áreas de coral duro em bom estado, há áreas em recuperação e há áreas de escombro colonizado por alga. Nos *thilas* mais protegidos e nas paredes com corrente o quadro é muito bom. Nos rasos, principalmente nos de laguna, você vai ver esqueleto de *Acropora* e vai ver domos de *Porites* que sobreviveram. É a cara do recife depois de 2024.

Isso não estraga a viagem. Faz parte de entender o lugar.

CAPÍTULO VINTE E UM

O santuário e a brecha de 2025

> *As Maldivas foram, por quinze anos, um dos maiores santuários de tubarões do mundo. Em 2025 isso mudou em parte, e vale saber exatamente o quê.*

Depois de restrições parciais desde 1998, as Maldivas decretaram em **março de 2010** a **proibição total da pesca de tubarão** em toda a sua zona econômica exclusiva, cerca de 920 mil quilômetros quadrados de Índico, e proibiram também a importação e a exportação de barbatanas.

O raciocínio foi tão econômico quanto ambiental: um tubarão vivo, visto por mergulhadores semana após semana, gera muito mais receita ao longo da vida do que o mesmo animal vendido uma vez. Num país que vive de turismo de mergulho, a conta é fácil de fazer.

O resultado está em qualquer canal da rota de vocês. A densidade de tubarão-cinzento nas Maldivas é muito maior do que em quase todo o Índico, e é consequência direta desses quinze anos.

O que mudou

Em **agosto de 2025**, o presidente Mohamed Muizzu anunciou a reabertura da pesca de **tubarão-gulper** (gênero *Centrophorus*), e ela foi regulamentada e aberta a partir de **novembro de 2025**: até quarenta embarcações licenciadas, só em águas fora dos atóis, com temporada de dezembro a junho e

multa pesada para quem capturar qualquer outro tubarão. É um animal de profundidade, pescado pelo óleo de fígado, e não é uma das espécies que vocês vão encontrar mergulhando.

A reabertura foi contestada: uma petição constitucional contra a regulamentação foi aceita pelo Tribunal Superior das Maldivas em julho de 2026, e o caso segue. No mesmo novembro de 2025, os tubarões-gulper entraram no Apêndice II da CITES, que controla o comércio internacional das espécies listadas. Quando você ler isto, a situação pode ter mudado de novo, para qualquer lado.

A decisão foi criticada por dezenas de organizações de conservação e de cientistas, que apontaram dois problemas. O primeiro é biológico: tubarões de profundidade são dos animais marinhos de reprodução mais lenta que existem, e populações de *Centrophorus* já colapsaram em outras partes do mundo por causa exatamente dessa pesca. O segundo é institucional: abrir uma exceção enfraquece a lógica do santuário como um todo.

SENDO JUSTO COM OS DOIS LADOS

O santuário de recife continua valendo, e os tubarões que vocês vão ver seguem protegidos. Não se trata de um retrocesso total, e é honesto dizer isso. Mas também é honesto registrar que um país que se apresentava como santuário integral passou a ter uma exceção, e que a comunidade científica considera essa exceção mal escolhida.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Mantas, pesquisa e o que você pode fazer

> *Poucos lugares transformaram tão bem turismo em ciência. Sua câmera é parte disso.*

As mantas são protegidas nas Maldivas, e alguns dos pontos onde elas se agregam têm proteção específica. O caso mais conhecido é **Hanifaru Bay**, no atol de Baa, declarada Área Marinha Protegida em **8 de junho de 2009**, com regras rígidas: limite de visitantes, tempo máximo dentro da baía e proibição de mergulho autônomo e de pesca. Baa inteiro é Reserva da Biosfera da UNESCO.

Hanifaru não está na rota de vocês, que percorre os atóis centrais. Mas as regras que nasceram lá se espalharam pelo país, e é por isso que os briefings de manta em Malé Norte e em Ari são tão detalhados.

Fotografia como dado

O **Manta Trust** e o programa maldivo de conservação de mantas mantêm um dos maiores catálogos de foto-identificação de manta do mundo, construído em grande parte com fotos enviadas por mergulhadores comuns.

- **Manta:** fotografe o **ventre inteiro**, de frente e reto, com as manchas visíveis. Anote data, atol e ponto.
- **Tubarão-baleia:** fotografe o **flanco esquerdo**, atrás da fenda branquial, onde fica o padrão de identificação.

- **Tartaruga:** fotografe o perfil da cabeça, dos dois lados. As escamas faciais são únicas.
- Pergunte à tripulação para onde enviar. Os barcos maldivos costumam ter o contato na ponta da língua.

O resto, que é simples

- **Não toque em nada.** Nem manta, nem tartaruga, nem tubarão, nem coral.
- **Flutuabilidade.** A maior parte do dano que mergulhador causa em recife é nadadeira, não mão.
- **Gancho em rocha morta.** Nunca em coral vivo. Olhe antes de prender.
- **Protetor solar de recife**, sem oxibenzona nem octinoxato. Melhor ainda: camisa de lycra.
- **Nada de plástico descartável.** Leve garrafa reutilizável. Ilha pequena não tem para onde mandar lixo.
- **Não compre** casco de tartaruga, dente de tubarão, coral nem concha. Além de ilegal, alimenta a coleta.
- **Respeite as regras de aproximação** mesmo quando ninguém está olhando. Principalmente quando ninguém está olhando.

Vocês compraram uma semana num país que aposta a existência física dele na saúde do recife. Vale mergulhar de acordo.



PARTE SETE

O prático

Documento, dinheiro, o que é permitido e o que não é num país muçulmano, e como fotografar tudo isso

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Documentos, saúde, dinheiro e taxas

> *A entrada nas Maldivas é das mais simples do mundo. O que exige atenção é o formulário online e a conta de extras no fim da semana.*

Documentos

- **Passaporte** com boa folga de validade. A recomendação prática, e o que a maioria das companhias aéreas cobra, é **seis meses** a partir da entrada.
- **Visto**: brasileiros recebem visto de turista **na chegada**, gratuito, tipicamente por 30 dias. Não precisa providenciar nada antes.
- **Formulário de viagem online**: as Maldivas exigem uma declaração eletrônica do viajante, preenchida no site oficial de imigração dentro das **96 horas anteriores** à chegada, e outra antes da partida. É rápido, é gratuito e é obrigatório. Deixe para preencher no aeroporto e você vai enfrentar fila com wi-fi ruim.
- **Comprovante de hospedagem**: a reserva do liveaboard serve. Tenha em PDF no celular.
- **Credencial de mergulho e logbook**: conferidos no embarque. Baixe a credencial digital antes, porque internet a bordo é ruim.
- **Seguro de mergulho** com cobertura de câmara e evacuação, obrigatório.
- **Certificado internacional de vacinação contra febre amarela.** As Maldivas exigem o certificado de quem chega de país com risco de transmissão, e o Brasil está nessa lista. Sem ele, a entrada pode terminar em quarentena. A vacina só passa a valer dez dias depois da dose, então isso

se resolve com antecedência, não na véspera. O certificado é emitido pela Anvisa e vale para a vida toda.

Saúde

- **Não há malária** nas Maldivas, mas há **dengue**, com casos o ano inteiro. Repelente ao entardecer sempre que estiver em ilha habitada; a bordo, longe da terra, o problema quase some.
- **Água da torneira não se bebe**, nem em Malé. O barco fornece água filtrada ou engarrafada; leve sua garrafa.
- **Enjoo:** as travessias entre atóis costumam ser à noite e podem balançar. Quem sabe que enjoa toma o remédio antes de o barco zarpar, não depois.
- **Ouvido:** três mergulhos por dia durante seis dias cobram do ouvido mais do que a profundidade. Equalize cedo e sem forçar, e pare no primeiro sinal de dor.
- **Sol:** equatorial e vertical. Protetor de recife, lycra e sombra no convés entre os mergulhos.
- Medicamentos de uso contínuo na bagagem de mão, na embalagem original e em quantidade para a semana inteira: não há farmácia no meio do atol.

Fuso e tomada

- As Maldivas estão em **UTC+5**, oito horas à frente de Brasília. Muitos barcos e resorts adotam a "hora da ilha", uma hora à frente da oficial, para ganhar luz de manhã. Confira qual relógio o barco usa antes do primeiro briefing.

- Tomadas de **230 V**, nos padrões D e G (britânico). Leve adaptador.

Dinheiro

A moeda local é a **rufiyaa** (MVR), mas você provavelmente não vai encostar nela. Resorts, liveaboards e o aeroporto operam em **dólar americano**, e cartão é aceito a bordo sem problema.

- Leve **dólar em espécie** para gorjeta e para eventuais compras em Malé.
- O barco costuma fechar a conta de extras no último dia: nitrox, bebidas, aluguel de equipamento, lavanderia.
- **Gorjeta da tripulação**: reunida no fim da semana e parte importante da renda deles. O padrão gira em torno de 10% do valor da viagem, mas combine o valor com o grupo no começo da semana em vez de improvisar na última noite.

As taxas

O pacote de vocês, conforme divulgado, deixa algumas taxas de fora, entre elas a **Green Fee** ambiental e a taxa de serviço e entrada nas Maldivas. O nitrox também é cobrado à parte. Confira a lista final com a Dive For Fun e leve esse dinheiro separado, porque essas coisas são acertadas no destino.

BAGAGEM

Voos internos e traslados maldivos são apertados de franquia, e equipamento de mergulho pesa. Confira a franquia da sua companhia com antecedência e considere pagar bagagem extra antes, que sai bem mais barato que no balcão. Computador, máscara, credencial e remédios vão na bagagem de mão, sempre.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Conduta num país muçulmano

> *As Maldivas são um país islâmico com regras reais. A bordo quase nada disso pesa; em terra, pesa.*

O islã sunita é a religião oficial, e a legislação reflete isso. Existe uma separação muito clara entre as **ilhas turísticas**, resorts e liveaboards, onde as regras são flexíveis, e as **ilhas habitadas**, inclusive Malé, onde não são.

Em terra, em ilha local ou em Malé

- **Roupa**: ombros e joelhos cobertos. Nada de biquíni, sunga ou top fora das áreas designadas. Algumas ilhas locais têm uma "bikini beach" demarcada; fora dela, não.
- **Álcool** é proibido em ilhas habitadas e não pode entrar no país. É liberado apenas em resorts e embarcações licenciadas. Não compre no free shop achando que vai levar: é confiscado na chegada.
- **Demonstrações de afeto em público**: discrição.
- **Fotografar pessoas**: peça antes, sempre, e principalmente mulheres e crianças.
- **Drogas**: penalidades severíssimas. Não existe zona cinzenta.

A bordo

No barco, a vida é de liveaboard normal: roupa de banho, álcool onde há licença, convés livre. A tripulação é maldiva e muçulmana, então vale o bom senso de sempre: circular de sunga ou de biquíni pelas áreas internas e comuns é falta de educação, não crime.

SE SOBRAR TEMPO EM MALÉ

A capital cabe num passeio de duas horas a pé. A **Hukuru Miskiy**, a Mesquita de Sexta-feira antiga, de 1658, é feita de blocos de coral esculpido e é o edifício mais importante do país; cubra ombros e joelhos e peça para entrar. O **mercado de peixe**, no fim da tarde, é onde chega o atum que sustenta a ilha. E a vizinha **Hulhumalé**, ligada por ponte, é uma ilha inteira construída sobre o recife, na altura em que o país aposta sobreviver. Malé é ilha habitada: valem as regras de roupa e de álcool.

TRÊS PALAVRAS QUE AJUDAM

Assalamu alaikum, o cumprimento. *Shukuriyaa*, obrigado em dhivehi. *Baraabaru*, tudo bem, ótimo. Não é obrigação nenhuma, mas muda o tom de todas as interações da semana.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Fotografar as Maldivas

> *Água quente, luz forte e animais grandes passando perto. É um dos destinos mais generosos do mundo para quem leva câmera, e um dos mais frustrantes para quem leva a lente errada.*

Que lente

Grande-angular ou fisheye na maior parte da semana. O assunto aqui é manta, tubarão, parede e cardume, e a água, mesmo limpa, come contraste e cor a partir de dois ou três metros. A regra continua a mesma: chegue perto e abra o ângulo.

Macro em um ou dois mergulhos, num *giri* raso ou no fim da tarde. Nudibrânquios, camarões, gobiídeos e peixe-anêmona justificam trocar a porta.

Manta

- Fique **baixo** e fotografe **para cima**. Manta contra a superfície é a imagem; manta vista de cima contra o fundo escuro, não.
- Na estação de limpeza, escolha a posição antes e não se mexa mais. Ela vai passar de novo.
- Para foto de identificação, o ventre inteiro, reto, com as manchas nítidas. Essa é a que vale como dado.

- Flash na barriga da manta a curta distância a incomoda. Em água clara, luz natural resolve.

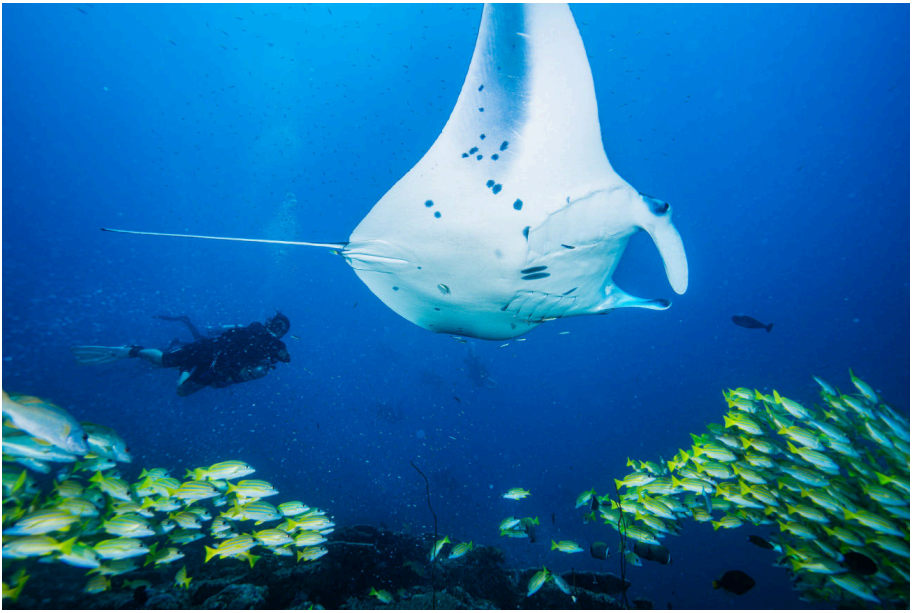
Corrente

- Com gancho preso, você fica estável e com as duas mãos livres. É a melhor plataforma de foto que existe num canal.
- **Prenda a câmera curto.** Em deriva, equipamento pendurado balançando vira martelo contra o coral.
- Velocidade mais alta do que você usaria em recife parado: tudo aqui se move, inclusive você.

Noturno

Maaya Thila e Alimatha são mergulhos de muito movimento e pouca luz. Foco na luz de vídeo, não no flash de foco, e cuidado para não apontar luz forte no olho dos animais. Em Alimatha, com dezenas de tubarões passando perto, a melhor foto costuma ser a mais aberta e a mais baixa.

> **CHECKLIST**
>
> Baterias e carregadores com adaptador de tomada tipo D e G (padrão britânico, usado nas Maldivas), cartões de sobra, o-rings sobressalentes e graxa de silicone, escova macia para o sulco de vedação, sílica gel e panos de microfibra. Teste de vazamento em água doce no primeiro dia, antes do primeiro mergulho de verdade. E lave a caixa em água doce todo dia: sal de Índico é impiedoso com botão. **Drone:** voar nas Maldivas exige autorização da autoridade de aviação civil, e a maioria dos barcos e resorts não permite; sem papel em mãos, deixe em casa.



Manta passando sobre um cardume de vermelhos, com mergulhador ao fundo dando escala. Foto: Gabriel Vieira Costa, Maldivas, novembro de 2024.



CADERNO DE IMAGENS

Novembro, atóis centrais

Treze fotografias feitas exatamente onde e quando vocês vão estar, para calibrar a expectativa e para escolher o que perseguir

SOBRE AS PRÓXIMAS PÁGINAS

Como olhar este caderno

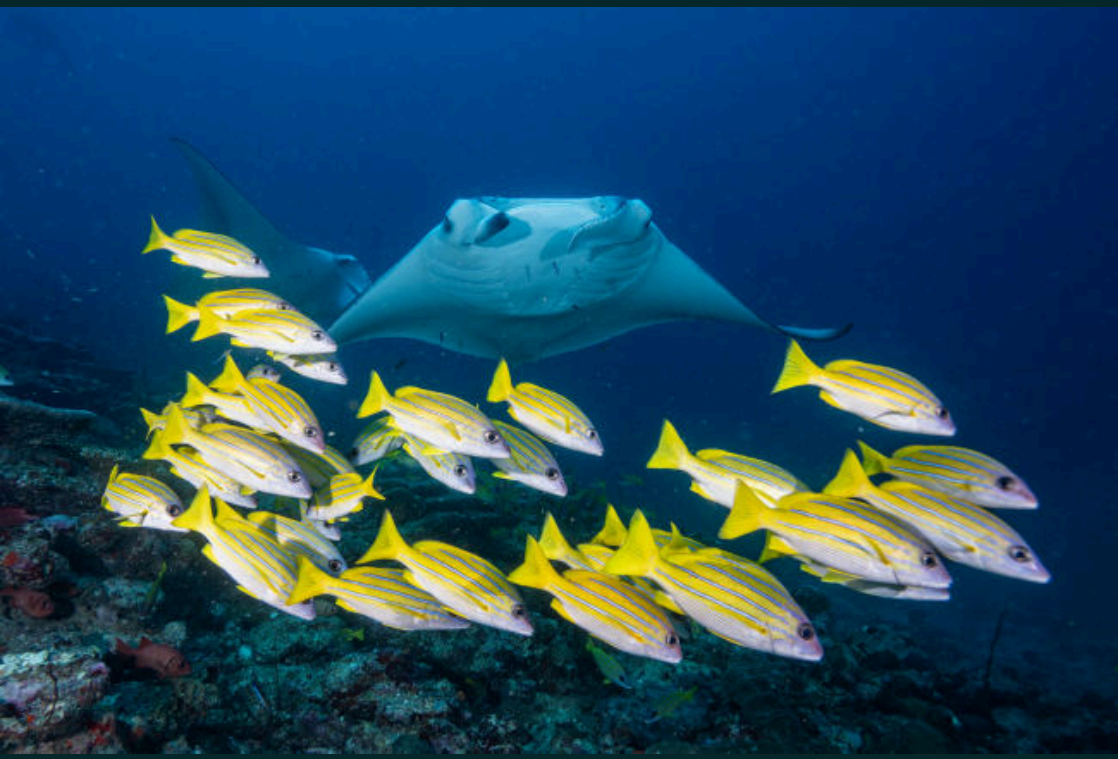
> *Não é um portfólio. É uma referência do que a mesma rota, no mesmo mês, entregou dois anos antes.*

Guia de viagem costuma ilustrar destino com a melhor foto que existe daquele lugar, tirada por alguém, algum dia, em alguma condição. O resultado é uma expectativa que a viagem quase nunca cumpre.

Este caderno faz o contrário. Todas as imagens a seguir foram feitas nos atóis centrais das Maldivas, em **novembro de 2024**, na mesma rota e no mesmo mês desta expedição. A água que você vê é a água que vai ter. A visibilidade é a que costuma haver. Os comportamentos são os que acontecem naquela época.

Olhe como referência técnica, não como cartão-postal. Repare na cor da água nas fotos de manta e compare com a das fotos de tubarão: são pontos diferentes do mesmo atol, um no lado do plâncton e outro no lado da água limpa. Repare que quase toda foto de manta é feita **de baixo para cima**. Repare que as fotos de canal têm partícula em suspensão, e que é justamente essa partícula que trouxe o bicho.

Se uma imagem aqui te fizer querer aprender a fazer aquela foto, fale com o Gabriel a bordo. É para isso que tem fotógrafo na staff.



Manta cruzando por cima de um cardume de vermelhos-de-listra-azul. As duas coisas estão ali pelo mesmo motivo: corrente trazendo comida. Gabriel Vieira Costa · Maldivas, novembro de 2024



Manta contra a superfície. A posição é sempre a mesma: o fotógrafo embaixo, parado, esperando o animal decidir passar. Gabriel Vieira Costa · Maldivas, novembro de 2024



Manta e mergulhador no noturno. A luz concentra o plâncton, o plâncton atrai a manta, e a manta passa a centímetros de quem está segurando a lanterna. Gabriel Vieira Costa · Maldivas, novembro de 2024



Dezenas de arraias no fundo de areia, com mergulhadores no meio delas e o cardume passando por cima. Animal grande, em quantidade, a poucos metros de profundidade e com luz natural. Gabriel Vieira Costa · Maldivas, novembro de 2024



Peixe-napoleão (*Cheilinus undulatus*), o maior bodião do mundo, com mais de dois metros quando adulto. Está Em Perigo na Lista Vermelha da IUCN e, nos recifes onde é protegido, perde o medo de quem está parado. Gabriel Vieira Costa · Maldivas, novembro de 2024



Cardume de vermelhos parado sobre a areia, na corrente. Sozinho, peixe de cardume é presa; junto, vira uma parede que o predador não consegue escolher por onde atacar.
Gabriel Vieira Costa · Maldivas, novembro de 2024



Bola de peixes-de-vidro. Milhares de indivíduos se movendo como um corpo só, estratégia de defesa que confunde o predador. Gabriel Vieira Costa · Maldivas, novembro de 2024



Peixe-gatilho-palhaço (*Balistoides conspicillum*). Um dos peixes mais desenhados do oceano, e um dos mais difíceis de aproximar. Gabriel Vieira Costa · Maldivas, novembro de 2024



Raia-águia-pintada na água azul. Elas cruzam o canal em formação, sempre no mesmo sentido da corrente. Gabriel Vieira Costa · Maldivas, novembro de 2024



Anêmona-magnífica fechada. Quando ela se recolhe, o interior rosa fica exposto e vira uma das melhores fotos rasas do recife maldivo. Gabriel Vieira Costa · Maldivas, novembro de 2024



Peixe-leão pairando sobre uma gorgônia negra. Lindo, lento e cheio de espinhos venenosos: fotografe à vontade, não encoste. Gabriel Vieira Costa · Maldivas, novembro de 2024



Tartaruga sobre o recife, contra a luz da superfície. Ela vai deixar você chegar perto se você não for na direção dela. Gabriel Vieira Costa · Maldivas, novembro de 2024



Macro no cascalho. Nem tudo nas Maldivas tem cinco metros de envergadura, e o fundo entre os pináculos é onde estão as coisas pequenas. Gabriel Vieira Costa · Maldivas, novembro de 2024

APÊNDICE A

Como a viagem se organiza

> *A forma da semana nos atóis centrais, que é sempre a mesma, e a lógica por trás da ordem dos mergulhos.*

Este apêndice descreve o desenho da viagem, não os horários dela. Datas, voos, hotéis e vouchers mudam de grupo para grupo e de ano para ano, e por isso ficam no **guia pré-viagem online**, que a Dive For Fun mantém atualizado. O que está aqui é o que não muda.

Sábado a sábado

A rota central funciona em **ciclo semanal fixo**. Embarque no sábado, sete noites a bordo e desembarque no sábado seguinte pela manhã, no aeroporto de Malé. Entre um e outro, até **18 mergulhos**, diurnos e noturnos.

A forma da semana

O embarque	Recepção da equipe do barco, transferência em **dhoni** até o liveaboard, distribuição de cabines, apresentação geral e o primeiro jantar a bordo.
Malé Norte e Sul	Os primeiros dias. Canais e paredes dos dois atóis de Malé, com tubarões-de-pontas-brancas, mantas e cardumes de fusileiros, e os primeiros **kandus** de corrente forte.
Felidhoo	Também chamado de Vaavu. Canais grandes e, à noite, o mergulho com **tubarões-enfermeira** em Alimatha.

Ari — Os **thilas** clássicos, as estações de limpeza de manta e o noturno de Maaya Thila. No sul do atol há chance de snorkel com tubarão-baleia.

O último dia — Últimos mergulhos pela manhã, navegação de volta a Hulhumalé e o jantar de encerramento. Depois disso, ninguém mergulha mais: começa o intervalo antes de voar.

> **A ORDEM DOS ATÓIS NÃO É FIXA**
>
> A sequência acima é a usual, mas a real depende da monção, da maré e do tráfego de barcos na semana. É normal, e é bom sinal: quer dizer que o guia está escolhendo o ponto pela condição, não pela planilha.

O que costuma estar incluso

- Sete noites a bordo do liveaboard, com pensão completa
- Até 18 mergulhos na semana, diurnos e noturnos
- Guia de mergulho e traslado em dhoni no embarque
- Acompanhamento da staff Dive For Fun, com apoio de fotografia subaquática

O que costuma ficar de fora

- Passagem aérea internacional até Malé
- Green Fee, taxa de serviço e taxas das Maldivas, pagas a bordo
- Nitrox da semana
- Aluguel de equipamento
- **Seguro de mergulho**, obrigatório

- Bebidas e extras pessoais
- Gorjeta da tripulação

Descrição geral do formato da viagem. O que vale para a sua é o contrato e o voucher que a Dive For Fun emitiu, e os horários confirmados no guia pré-viagem online.

APÊNDICE B

Lista de espécies

> *As espécies citadas no livro, com nome científico e status na Lista Vermelha da IUCN.*

Grandes pelágicos, elasmobrânquios e cetáceos

Nome comum	Nome científico	IUCN
Manta-de-recife	*Mobula alfredi*	VU
Manta-gigante	*Mobula birostris*	EN
Tubarão-baleia	*Rhincodon typus*	EN
Tubarão-cinzento-de-recife	*Carcharhinus amblyrhynchos*	EN
Tubarão-de-recife-de-pontas-brancas	*Triaenodon obesus*	VU
Tubarão-enfermeira-fulvo	*Nebrius ferrugineus*	VU
Raia-águia-pintada	*Aetobatus ocellatus*	VU
Raia-chicote-rosa	*Pateobatis fai*	VU
Tubarão-de-recife-de-pontas-negras	*Carcharhinus melanopterus*	VU
Tubarão-martelo-recortado	*Sphyrna lewini*	CR
Golfinho-rotador	*Stenella longirostris*	LC

Répteis

Nome comum	Nome científico	IUCN
Tartaruga-de-pente	*Eretmochelys imbricata*	CR
Tartaruga-verde	*Chelonia mydas*	EN

Peixes de recife

Nome comum	Nome científico	Nota
Peixe-anêmona-das-maldivas	*Amphiprion nigripes*	endêmico
Peixe-napoleão	*Cheilinus undulatus*	EN
Peixe-gatilho-palhaço	*Balistoides conspicillum*	LC
Peixe-gatilho-titã	*Balistoides viridescens*	territorial
Vermelho-de-listra-azul	*Lutjanus kasmira*	LC
Peixe-imperador	*Pomacanthus imperator*	LC
Peixe-morcego	*Platax spp.*	
Peixe-leão	*Pterois spp.*	venenoso
Peixe-pedra	*Synanceia spp.*	venenoso
Coral de fogo	*Millepora spp.*	urticante

CR criticamente em perigo · EN em perigo · VU vulnerável · LC pouco preocupante. Classificações da Lista Vermelha da IUCN, sujeitas a revisão.

APÊNDICE C

Glossário

> *O que você vai ouvir nos briefings, em dhivehi e em jargão de mergulho.*

Dhivehi

Atholhu

Atol. É a palavra maldiva que virou termo científico no mundo inteiro.

Kandu

Canal que corta a borda do atol. Todo ponto com "kandu" no nome é mergulho de corrente.

Thila

Pináculo submerso, com o topo tipicamente entre 5 e 15 metros.

Giri

Pináculo mais raso, que quase alcança a superfície.

Faru

Recife que forma a borda do atol.

Finolhu

Banco de areia.

Fushi · Dhoo · Rah

Três terminações que querem dizer ilha. Kudarah é "ilha pequena"; Embudhoo, Guraidhoo e Bandos seguem a mesma lógica.

Kuda · Bodu

Pequeno e grande. Kuda Thila, Bodu Thila, Bodu Hithi.

Madi · Madivaru

Raia, e "recife das raias". Lankan Madivaru e Rangali Madivaru são pontos de manta.

Miyaru

Tubarão. Daí "Miyaru Kandu", o canal do tubarão.

Dhoni

Barco tradicional maldivo de madeira. Nos liveaboards, é o barco de apoio de onde se mergulha.

Rufiyaa

A moeda das Maldivas.

Iruvai · Hulhangu

As monções de nordeste (seca, dez a abr) e de sudoeste (úmida, mai a nov).

Mergulho e ciência

Branqueamento

Perda das algas simbiontes pelo coral em resposta a estresse térmico. O esqueleto branco fica visível. Reversível se a temperatura cair rápido.

Deriva

Mergulho em que o grupo se desloca com a corrente e é recolhido em outro ponto.

Entrada negativa

Entrada com o colete vazio, para afundar imediatamente e não ser levado na superfície.

Estação de limpeza

Ponto fixo do recife onde peixes limpadores removem parasitas de animais maiores, que chegam e esperam a vez.

Foto-identificação

Método de identificar indivíduos por padrões naturais únicos, como as manchas do ventre de uma manta.

Gancho de corrente

Cabo curto com gancho, preso a rocha morta, que mantém o mergulhador parado numa corrente sem esforço.

Lobos cefálicos

As duas abas na frente da cabeça da manta, que ela desenrola para canalizar água e plâncton para dentro da boca.

Nitrox (EANx)

Mistura com mais oxigênio que o ar, que amplia a margem de descompressão em mergulhos repetitivos.

SMB

Boia de superfície disparada do fundo. Obrigatória em deriva: o dhoni procura boia, não cabeça.

Subsidência

O afundamento lento de uma ilha vulcânica. É o mecanismo do modelo de formação de atóis proposto por Darwin em 1842.

APÊNDICE D

Fontes

De onde vieram os números deste livro.

1. **Darwin, C. (1842).** *The Structure and Distribution of Coral Reefs*. Fonte do modelo de subsidência para a formação de atóis.
2. **Dados oficiais da República das Maldivas** e literatura geográfica: 1.192 ilhas, 26 atóis naturais, 871 km de extensão norte-sul, 298 km² de terra firme, elevação média de cerca de 1,5 m, zona econômica exclusiva de 923.322 km².
3. **Levantamentos de biodiversidade marinha das Maldivas:** 187 espécies de coral, 1.100 de peixes, 5 de tartaruga, 21 de baleia e golfinho, 400 de molusco e 83 de equinodermos.
4. **Manta Trust** e **Maldives Manta Conservation Programme**. Biologia de *Mobula alfredi*, comportamento em estação de limpeza e alimentação, e o catálogo de foto-identificação por padrão ventral.
5. **Governo das Maldivas.** Proibição total da pesca de tubarão em toda a zona econômica exclusiva, decretada em março de 2010, e proibição de importação e exportação de barbatanas.
6. **Governo das Maldivas e Tribunal Superior.** Regulamento da pesca de tubarão-gulper publicado no Diário Oficial em 2025 (até 40 embarcações, fora dos atóis, temporada de dezembro a junho) e petição constitucional contra ele aceita em julho de 2026. CITES, CoP20 (novembro de 2025): inclusão de *Centrophorus* no Apêndice II.
7. **Anúncio presidencial de agosto de 2025** sobre a reabertura da pesca de tubarão-gulper (*Centrophorus* spp.) a partir de novembro de 2025, e as reações de organizações de conservação.
8. **Ministério do Meio Ambiente das Maldivas e Manta Trust.** Criação da Área Marinha Protegida de Hanifaru Bay em 8 de junho de 2009, com limite de visitantes e proibição de mergulho autônomo e pesca.
9. **UNESCO.** Reserva da Biosfera do Atol de Baa.
10. **Coral Reefs (2026).** Levantamento dos efeitos do quarto evento global de branqueamento (2023-2024) em 18 recifes das Maldivas: queda média superior a 40% na cobertura de coral duro vivo nos atóis centrais, 57% num recife de laguna em Ari, perda desproporcional de *Acropora*. Maldives Marine Research Institute: alerta de branqueamento de 17 de março de 2024.

11. **Health Protection Agency das Maldivas.** Diretriz de febre amarela: certificado exigido de viajantes vindos de países com risco de transmissão.
12. **Literatura sobre branqueamento de coral no Oceano Índico**, com foco nos eventos de El Niño de 1997-1998 e 2015-2016 e seus efeitos nos recifes maldivos.
13. **IPCC.** Projeções de elevação do nível do mar e alerta sobre a habitabilidade das Maldivas até 2100.
14. **Lista Vermelha da IUCN.** Avaliações de *Mobula alfredi*, *Mobula birostris*, *Rhincodon typus*, *Carcharhinus amblyrhynchos*, *Triaenodon obesus*, *Nebrius ferrugineus*, *Cheilinus undulatus*, *Eretmochelys imbricata*, *Chelonia mydas*, *Aetobatus ocellatus*, *Pateobatis fai*, *Carcharhinus melanopterus* e *Sphyrna lewini*.
15. **Blue Force Fleet.** Roteiro publicado da rota Maldives Central: quatro atóis, 18 mergulhos por semana, embarque de sábado, requisito de Advanced Open Water e cerca de 50 mergulhos registrados.
16. **Dive For Fun.** Página comercial da expedição aos atóis centrais, com o roteiro e a composição do pacote.
17. **Divers Alert Network.** Recomendações sobre intervalo de superfície antes de voo após mergulhos repetitivos em liveaboard.
18. **Wikipédia em inglês**, verbetes “Maldives”, “Geography of the Maldives”, “Atoll”, “Manta ray”, “Whale shark”, “Baa Atoll”, “Kaafu Atoll”, “Vaavu Atoll” e “History of the Maldives”, usados como ponto de partida e conferidos contra as fontes primárias que citam.

UMA NOTA SOBRE DIVERGÊNCIAS

Três pontos merecem cautela. O **ponto mais alto do país** aparece como 2,4 m em umas fontes e 5,1 m em outras, e o livro registra os dois. A **data da conversão ao islã** é dada como 1153 ou 1193 conforme o autor. O comprimento da Cordilheira de Chagos-Laquedivas vai de 2.350 a 3.000 km conforme onde cada autor marca as pontas; o livro usa 2.500. E a **mortalidade de coral em 1998** tem estimativas que variam muito entre atóis e entre estudos, por isso o livro fala em ordem de grandeza e não em porcentagem fechada.

APÊNDICE E

Créditos de imagem

Todas as fotografias deste livro são de **Gabriel Vieira Costa** e foram feitas nas Maldivas em **novembro de 2024**, nos mesmos atóis desta expedição e no mesmo mês do ano.

Isso é incomum num guia de viagem e é uma escolha deliberada. Não há banco de imagens, não há foto de outra região usada para ilustrar espécie e não há imagem promocional de operadora. A luz, a visibilidade, a densidade de bicho e o comportamento dos animais que aparecem nestas páginas são os de novembro nos atóis centrais.

Se em algum mergulho a água parecer mais verde do que você esperava, olhe de novo as fotos deste livro: é assim mesmo, e é justamente o plâncton que traz as mantas.

O mapa dos atóis foi desenhado pela **Dive For Fun** sobre os recifes e as ilhas do **Natural Earth**, base cartográfica de domínio público (naturalearthdata.com). Os diagramas dos estágios de Darwin e do corte de um kandu são ilustrações originais da Dive For Fun.

USO DAS IMAGENS

As fotos são de autoria de Gabriel Vieira Costa e estão neste livro para os participantes da expedição. Para qualquer uso fora daqui, publicação, redes sociais de terceiros, material comercial, fale com ele antes.

Anotações



Que a corrente esteja entrando, que a maré vire na hora certa e que ela venha por baixo.

EXPEDIÇÃO MALDIVAS · NOVEMBRO DE 2026

Dive For Fun®

Gabriel Vieira Costa

Um país de corais

Mil cento e noventa e duas ilhas construídas por animais microscópicos em cima de vulcões afundados, num país onde o chão tem um metro e meio de altura e a corrente é a atração principal. Este livro explica como nasce um atol, por que a maré decide o roteiro do dia, como não espantar uma manta e o que exatamente está em jogo quando o recife branqueia.

Com fotografia autoral de Gabriel Vieira Costa,
feita nos mesmos atóis em novembro.

DIVEFORFUN.COM.BR

Edição de cortesia · Expedição Maldivas 2026 · Não comercializável